



arauto

1970
 Novembro
 ANO XIII
 N.º 62

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: Dr. Tomaz da Rosa

Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

<i>Redactores</i> C. Moniz, J. Ferreira, M. Frayão e L. Fraga	<i>Chefe do Núcleo</i> COSTA RITA	<i>Orientador</i> P.º JÚLIO DA ROSA	<i>Administrador</i> JOÃO PIRES
--	--------------------------------------	--	------------------------------------

A JUVENTUDE

Hoje são expressões correntias entre as gentes: movimentos de jovens, a juventude e os seus problemas, palestras, livros, conversas, etc.

O que significa isto? Porquê?

É tudo uma insatisfação, toda uma revolução numa sociedade, uma contestação; não está bem, queremos melhor e sabemos que se pode fazer melhor, o que é muito importante.

Dizem os mais velhos:

«Os jovens só pensam nas suas músicas barulhentas, nos cabelos compridos e fatos exóticos».

Em todas as épocas a música é a expressão duma geração, pois a música moderna também o é. Segundo dizem os adultos de hoje, os jovens antigamente submetiam-se dócilmente quer concordassem quer não às opiniões formuladas pelos adultos de então.

Agora não é assim.

Como ser humano é livre, e foi o próprio Deus que o criou assim. Serão os homens capazes de lhe tirar esse direito que têm como homens?

Quando falo em liberdade quero dizer liberdade consciente, isto é, que os meus actos não roubem a liberdade alheia.

O jovem de hoje é sincero no que pensa, e diz por vezes pelos mais estravagantes meios de comunicação do seu pensamento. Mas interessa é esse algo que diz.

A ciência e a técnica evoluíram consideravelmente, e com ela a vida de hoje

que é muito diferente de há uns anos atrás. Os mais velhos por vezes não acompanham essa evolução da vida e não o podem fazer pelo voo rápido de todo um conjunto de hábitos, de normas sociais que se modificaram totalmente.

Temos que compreender este facto e devemos ajudá-los no diálogo, que dizem ser difícil, mas não impossível. É preciso que a geração mais velha não julgue levianamente uma juventude, por estes e aqueles factos. Bem sei que a modificação de uma estrutura social que durou séculos a chegar ao ponto de hoje, não pode ser posta

(Conclui na 3.ª página)

INCOERÊNCIA

Jovem, que pretendes revolucionar o mundo. Que idealizas um mundo novo. Despido de hipocrisia. Autêntico. A ti, que te queixas da incompreensão dos adultos, da sua crítica destrutiva, vou importunar-te. À tua acelerada rota vou fazer um «stop».

É rápido. Perderás pouco tempo. Em breve poderás continuar a jornada.

Reflecte só um pouco, se é que tens cabeça para isso.

Não sou conservadora, acredito. Estou do teu lado. São justas as tuas pretensões, afirmo.

Não suportas a pressão continua daqueles a quem chamas «botas de elástico»

que te esmagam. Reages, protestas, lutas. Bravo! O dogmatismo da Idade Média já está ultrapassado.

Pretendes ser um jovem à altura do teu tempo. Se assim é, parabéns!

Todavia, apesar de estar do teu lado, há algo que não compreendo.

Não serás incoerente ao exigir dos outros o que tu não és capaz de fazer?!

Jé pensaste que essa incompreensão de que acusas os adultos é também característica tua? Já pensaste que não aceitas a opinião dos outros jovens? Que lhes aplicas o rótulo de conservadores, só porque pensam diferente de ti?

Ainda não tinhas reparado que não aceitas uma opinião diferente da tua?

Como queres que respeitem as tuas ideias se tu não respeitas as dos jovens que vivem a teu lado, dia a dia?

Condenas o procedimento dos adultos por não compreenderem essa época diferente da sua? E não te condenas a ti próprio por não compreenderes a tua própria época?

Jovem do mundo moderno, não se trata de nivelar a mentalidade dos outros pela tua. Não pretendas ser o protótipo. Pensa sim que tens de estar lado a lado com pessoas de todas as idades, com ideias e culturas muito diversas.

A solução do problema não está na revolta contra tudo o que não esteja de acordo com a tua maneira de ser. Está na tua maneira

(Conclui na 3.ª página)

O JOVEM no Século XX

Já pensaste jovem, nessa fantástica corrente da evolução, que tudo influenciou e modificou?

Se ainda não o fizeste, é altura disso.

Pensa e lembra-te que não permaneceste indiferente a esse transformismo e em ti ele deixou marcas autênticas. Tu evoluíste. Actualmente és um testemunho claro e evidente do jovem ateniense. És idealista.

Todavia, desde as mais remotas épocas, tiveste a infelicidade de não seres verdadeiramente compreendido e aceite. Porquê? Pela falta de compreensão entre ti e o adulto.

Jovem amigo, a tua falta de compreensão para com

o adulto e vice-versa, admitte-se e não carece de teorias complicadas para ser explicada. Digo-te isto, porque assim o deduzo.

Essa divergência nasceu, em princípio, devido à existência de dois mundos: um é «o velho mundo», formado por todos aqueles adultos, que nados e criados em épocas diferentes, algumas vezes lutando contra a sua própria vontade, não quizeram de modo algum ser arrastados por essa expressiva corrente que foi — a evolução; o outro é, «o novo mundo», formado por todos os jovens como tu; activos, dinâmicos e idealistas, capazes de triunfar na vida, por mais

(Conclui na 3.ª página)

Abertura

A idade da poesia situa-se no jovem, não só porque, em quase todos, desabrocha a flor da poesia na flor da idade, mas também porque é a idade poética da vida.

Assim, por todos os jovens corre a veia poética com as primeiras sensações os primeiros ideais e os primeiros devaneios.

Contudo, urge acarinhar esse benéfico hábito de inspiração e orientá-lo para algo de positivo e de artístico.

É o que pretende esta secção, indo aos mestres, consultando as escolas e falando aos novos, no intuito de descobrir valores na poesia. Não criar, porque o poeta nasce.

Queremos, apenas, fazer levantar voos aos que nasceram para pairar com as musas nas alturas.

Que este propósito se cumpra: e que os poetas surjam dentre os valores da nova vaga do nosso Liceu.

DOIS POEMAS DE IVONE CHINITA

HÁ SEMPRE UM BARCO

a parede da ilha está na rocha
a porta da ilha está no porto
a parede da fome está no estômago
a porta da fome está em nós

ao porto a (em) nós
existe uma certeza

há sempre um barco que chega

de «Digo Fome»

O DEUS

e aquela mãe que o era
pela vigésima primeira vez
levantou-se

— senhor
dou-te um cirio
se o meu filho morrer

de «Digo Fome»

A TI

A ti frio insensível e distante
A quem a fé
A poesia
O amor

Não conseguem perturbar
A ti

A quem eu quiz amar
E por quem daria tudo
Quero dizer-te!

Que nunca te amarei.
Gostaria, sim de chorar por ti
De pensar em ti . . .

Mas há outra vida (que) me espera!
A ti

frio insensível e distante
Só poderei oferecer

Este poema

T. M. S. 4.º ano

O diário terceirense «A União», fez eco, em dois artigos publicados recentemente, do apelo dirigido aos poetas açorianos da nova vaga, por dois «açorianos»: Ivone Chinita e João de Melo.

Um desses artigos, intitulado «Novos Poetas Açorianos», da autoria de João de Melo, publicado no suplemento literário «Glacial», do referido jornal, foi também levado ao conhecimento do público lisboeta, mais propriamente, e como era intenção do articulista, aos poetas açorianos residentes em Lisboa, através do «Diário Popular».

Será curioso notar que, dos dois «açorianos» interessados no novo movimento poético, a que João de Melo chama a «hora poética açoriana», Ivone Chinita não é açoreana por nascimento, mas sim por ter escolhido os Açores para sua «pátria» e orientar a sua poesia numa linha de características e interesses insulares, bem patente no seu livro «Digo Fome»! Ivone Chinita reside actualmente em Angra do Heroísmo. João de Melo é natural da Terceira, encontrando-se, porém, agora radicado em Lisboa.

Estes dois poetas conjugam neste momento os seus esforços para o que consiste certamente num dos seus maiores anseios: uma «Antologia Poética Açoriana», para a qual são chamados os poetas deste arquipélago, ou poetas cujas obras estejam enquadradas no Mundo Açoriano. «Há gente do outro lado do mar. Há povo, há poesia, e também há poetas do outro lado do mar. Nasceram, vivem e morrem sem geralmente serem ouvidos» escrevem João de Melo e Ivone Chinita em «A União».

* * *

Só poderão ser admitidos na referida Antologia seis poemas, no máximo, para cada poeta, referindo os orientadores que lhes reme-

(Conclui na 3.ª página)

Rui Duarte Rodrigues:

NOVO VALOR POÉTICO AÇORIANO

Rui Duarte Rodrigues é um poeta de vanguarda da nova poesia açoriana. Muito jovem ainda, começa a ensaiar os primeiros passos na carreira poética. Classificamos o seu primeiro livro: «Os Meninos Morrem Dentro Dos Homens» da colecção Gávea Glacial, não só como um óptimo início para o poeta, mas também como um passo marcante na poesia açoriana jovem. Do referido livro extraímos estes poemas:

Cláudia e as Flores de um Novo Mundo

Colhi flores para ti.
Sorri Cláudia
com teu sorriso de sol
e esses olhos que abrem os meus.
Deixa o vento levar teus cabelos
que são campainhas nos meus ouvidos
Vem Cláudia vem comigo:
eu sei cantar
e colhi flores para ti
vem ver o fim do mundo
e dos tormentos do ser
mais eu.
Vem ver como eu acabo as guerras
cravo punhais na lua
trinco a fome
cuspo as leis (ensebadas de enganos)
rasgo os mitos. . .
Vem Cláudia
traz mar nos teus olhos
ilhas no peito
sol nos teus sorrisos
flores no ventre
e vamos
(Adão e Eva)
construir novo mundo.

Leia se faz favor

Meu poema é isto:
uma porção de palavras formando bicha
ao domingo no futebol

Meu poema é isto:
alguém a dizer à noite
que não come desde o dia anterior

Meu poema é isto:
eu a escrever e outros a morrerem

Meu poema é isto:
um menino a rezar
O poeta afogado nas palavras.

Meu poema é isto:

Leia se faz favor!

Criança

Logo que, o sorriso esteja
Instalado num coração de criança,
Beijando sua face que alveja
Ergue-se nos uma doce esperança:
Repara em tudo para ver,
Diz tudo sem o pensar,
Anda mal, a tropeçar,
Doces sorrisos estamos a ler
Em todo o seu olhar. . .

Um dia necessitei de ir ao sótão de minha casa. Abri a porta, e, devagarinho pois não tinha presa, fui subindo as escadas.

De repente, oiço vozes.

— Quem será? — foi logo a pergunta que dirigi a mim mesma. Um tanto intrigada, subi mais três degraus. E eis que deparo com uma cena fantástica.

Um saco já velho e desbotado estava tombado, e dele vinham a sair dois trapos em larga discussão.

Apurei o ouvido e depreendi pelas suas palavras o seguinte diálogo.

— Pois é sr. Trapo Velho o sr. para aqui está sem ter nenhum préstimo — disse o sr. Trapo Novo, dando uma pancadinha nas costuras do outro.

— Nenhum préstimo? Talvez assim o seja agora, mas no tempo em que era novo. Ah! esse tempo, que já lá vai. Nesse tempo eu fiz a delícia da avó da nossa menina — a Sr.^a D. Aurora. Muito distinta a minha senhora, e eu que em tempos fui de um belo

azul fazia-lhe realçar ainda mais o porte esbelto.

Outros tempos! Melhores tempos em que não se viam as pernas até cá cima, com essa mi... mi...

— Mini saia, Sr. Trapo Velho.

— Sim, lá essa coisa que não tem piada nenhuma.

— Não tem piada? Pois o sr. não acha bem as moças, andarem com as suas belas pernas ao léu?

— Belas? Quando as têm...!

— Pois olhe Sr. Trapo Velho eu sou um bocado de tecido que sobrou de uma dessas saias com que o Sr. tanto embirra.

— Pois eu vi logo que devia ser, pela maneira como apoia essas ideias ridículas.

— Sr. Trapo Velho, são outros tempos. Há mais evoluções...

— Muito gabo essa evolução. Pois com todas as coisas a evoluírem deste modo...

* * *

E foi tudo o que consegui ouvir, pois os Srs. Trapos tinham entrado de novo no saco desbotado.

Ivone 6.º Ano

Incoerência

(Conclusão da 1.ª página)

ra de encarar e compreender essas atitudes diferentes tuas. Essas maneiras de agir que podem ser tão lógicas como as tuas, mas que, muitas vezes, reprovamos porque não compreendemos.

Jovem, um alvitre: e se tu procurasses compreender os outros para que te fizessem o mesmo? Se não fosses hipócrita para que o não fossem contigo? Se não violentasses as opiniões alheias para que respeitasses as tuas.

A meu ver, isto é ser jovem do século XX.

Chamar-me-ás ainda «bota de elástico»? Talvez. Ao menos sê caridoso. Respeita as minhas ideias. Quando descobrires o erro, estou disposta a modificá-las. Presentemente não posso pensar de outro modo.

Mira

A Juventude

(Conclusão da 1.ª página)

por terra. A violência não é o caminho que leva à meta desejada, embora muitos pensem assim.

Para quê a guerra e os ódios que amesquinham o coração e cegam a razão?

Vá, eu sei que tendes pressa ó jovem. Estamos na era atômica, das viagens interplanetárias. As distâncias não contam mas espera um pouco e medita:

Com compreensão de parte a parte, aproveitando os valores positivos dos dois lados, por uns — a experiência duma vida, do outro — a força criadora duma juventude generosa que deseja formar uma sociedade nova à luz do Amor, da Justiça e da Paz.

Virgínia — 7.º F

Promovido pelo 6.º ano do L. N. H. e orientado por alguns professores do mesmo realizou-se no passado dia 7, na sociedade «Amor da Pátria» um Baile-Bingo em que estiveram presentes os Ex.^{mos} Srs. Governador do Distrito (substituto) e Reitor do Liceu.

O Baile que teve início cerca das 22 horas, prolongou-se até às duas da manhã.

Abrilantado pelo conjunto «Gatos Negros-70», a festa do 6.º ano teve alegres e variadas surpresas com as quais, manteve o público em constante boa disposição e num ambiente acolhedor.

Entre as decorações que ornamentavam o salão, salientava-se o desenho do Ginásio do Liceu com o edifício novo ao fundo.

As duas modalidades de bingo, «a dança surpresa» e a «eleição do rei e rainha» da festa, foram variantes que muito agradaram ao público, princi-

palmente esta última em que os «soberanos» foram, antes e depois de haverem recebido os seus prémios largamente homenageados com estrondosas salvas de palmas.

Apesar das dificuldades que se levantaram à entrada do público, este ocorreu em número satisfatório, mantendo-se, salvo raras excepções, até ao final o que não é de admirar, pois a festa estava bem organizada, não faltando junto das bancas a presença de um sorriso feminino disposto a satisfazer os pedidos dos seus respectivos donos, trazendo-lhes variados artigos do seu bem sortido Bar.

Este Baile-Bingo além de ter sido promovido com o fim de angariar fundos, foi acima de tudo, uma demonstração do que pode e é capaz de fazer a malta do 6.º ano, pois apesar de uma infinidade de obstáculos, esta conseguiu triunfar e realizar a festa que haviam projectado.

Avelino Rosa
(6.º ano)

O JOVEM no Século XX

(Conclusão da 1.ª página)

perigosas e difíceis que sejam as barreiras. Foi assim que surgiu, a incompreensão entre jovens e adultos.

Para concluir o assunto em epigrafe, faço um apelo aos habitantes do «velho mundo», para que baseados na experiência adquirida através dos seus árduos anos de luta, se esforcem por melhor compreender os jovens e mais facilmente aceitar os seus ideais. Aos do «novo mundo» ou «mundo actual», gostaria de gritar-lhes, bem alto, de forma que todos me pudessem ouvir, estas palavras: baseados na vossa altura própria de jovens, procurai uma forma mais adequada, de compreender os adultos, tendo sempre presente este rifão, que, apesar de gasto, pela sua avançada idade, não é, nem nunca será totalmente abandonado — «quem não recebe, não pode dar».

Só assim, seremos verdadeiramente felizes.

Pereira dos Santos
7.º g

A Juventude e a Poesia

(Conclusão da 2.ª página)

tam um número superior de trabalhos para poderem proceder à sua selecção. Os poemas deverão ser enviados em triplicado, fazendo-se acompanhar de uma nota autobiográfica. O prazo da entrega das poesias expira no dia 15 de Dezembro próximo. Este volume literário será divulgado no Arquipélago e no Continente por um preço acessível.

João de Melo e Ivone Chinita chamam portanto a atenção de todos os poetas jovens açorianos para participarem nesta iniciativa, que será de grande importância para os Açores, tanto no aspecto cultural, como social.

Poderão endereçar os vossos trabalhos para: João de Melo, Rua Francisco Sanches, n.º 45-3.º Dt.º — Lisboa-1; ou para: Ivone Chinita, Galeria «Gávea», Angra do Heroísmo—Açores.

M. Frayão

Futebol, Amor e... Bigode

É um romance que está a ter grande projecção, devido ao bigode dele.

Nunca os viram juntos? Não é verdade que o TINO e a ZIZI formam um lindo par?

É pena é ela procurar em vão um grande ideal quando o tem tanto à mão.

* * *

Um dos numerosos vates do nosso Liceu, fez, e com muita razão uns versos para o Costa do magistério, que transcrevemos com a devida vénia.

Com teus risos e gracinhas
Darás um mau professor
Vê se deixas as mocinhas
Não sejas conquistador.

E depois disto amigo Costa, vê lá se te portas com juízo se não a gente conta tudo o que sabe à Goretti.

* * *

Há coisas que nos admiram e bem vistas são quase inadmissíveis. Quem imaginaria que o Porto, tão calmo, tão bom rapaz cederia perante a atracção feminina? Pois é verdade. Têmo-lo visto ultimamente a acompanhar a Machado do 6.º ano.

Mas é coisa que fica entre nós, pois pode ser segredo, mas lá que é verdade é verdade.

O CRAVO no Jardim Público

Tivemos o conhecimento de que o nosso colega Anibal, aquele que nunca fez a barba desde que entrou para o Liceu, arranjou o seu biscatezinho e vai com ela para o Jardim Público.

Já desconfiávamos que ele não ficaria em branco, principalmente agora que tem aquele casaco de cabedal.

Há cada uma...

S
E
M
I
N
D
I
S
C
R
E
T
O
S

S. S. A.

Serviços Secretos do Arauto

— A nossa organização de espionagem capturou um documento ultra-secreto. É o diário dum louco mais propriamente o diário dum apaixonado. Gostavam de lê-lo? Gostavam?

Bem não éramos para publicá-lo, mas já que tanto insistem, aí vai um extrato. Porém manteremos em sigilo o nome do autor, não vá ele corar.

* * *

«Antes de começar o meu diário, uma pequena explicação, uma pequena lembrança ajudará muito: eu escreverei apenas, sobre o meu amor por uma rapariga, que até aqui ainda desconheço de nome; sei que está no Liceu e se me não engano, no terceiro ano. Eu estcu no quinto; este amor foi à primeira vista, eu olhei, ela olhou, eu gostei, julguei adivinhar que ela gostou, o certo foi que eu comecei a persegui-la. Este amor começou no dia 6 de Outubro de 1970. E agora vou começar:

Dia 6:

Quando passeava com uns amigos pelas ruas da cidade, reparei nela pela primeira vez no sítio do Largo do Infante. Fiqui deslumbrado com a sua beleza: era exactamente o meu tipo: Não muito alta, cabelos compridos e de um louro acastanhado, não é um caniço, mas também não é gorducha nenhuma; estou loucamente apaixonado, amo-a, amo-a...

Dia 7:

Eu hoje só tenho uma aula: às 11,30, mas eu vou cedo, para poder vê-la muito tempo.

Dirigi-me a casa onde sei que ela mora, porque ontem a segui até lá, estava à janela: tinha um vestido amarelo, a contrastar com o seu lindo rosto moreno e com os seus cabelos, achei-a ainda mais bonita que ontem. Ela retirou-se da janela, não sei se corou, eu

corei. Fiz um gesto nervoso e continuei o meu caminho. Sentei-me sobre o muro da avenida Marginal a olhar para a janela, ela voltou lá ... e ... olhou para mim.

Depois apareceram à porta da casa onde ela estava duas inoportunas senhoras, e ela retirou-se, eu retirei-me também e é neste momento que estou a escrever o meu diário, num café, à espera que ela passe, mas ela não passa, vou lá outra vez. QUERO VÊ-LA!!! Estou loucamente apaixonado por ela.

Fui lá, mas não a encontrei, passei diante da casa dela umas quantas vezes, a janela estava aberta, a certo momento julguei ver um vulto à janela, mas quando reparei bem, já não estava lá.

Resolvi vir para o Liceu; pode ser que ainda a veja hoje ... vou fazer todo o possível. Meu Deus como a amo ...

* * *

A nossa organização de serviços secretos também nos fez constar que havia ligação amorosa entre o Vargas e a Braia, mas desde já desmentimos isso. É ridículo.

Então o Vargas, um dos «BONECOS» do nosso Liceu ia agora apaixonar-se. Não conseguimos admiti-lo.

E até em prova de solidariedade para com o nosso amigo vamos despedir dos nossos serviços elemento que fez tão vergonhosa divulgação.

Desde já as nossas desculpas.

Perguntas indiscretas

— Quem é a menima do 1.º ano do magistério, natural da Silveira, que escreve cartas ao namorado para saber do gato?